

**Gravação: ep04\_viola\_vimeo\_2.0**

**Duração: [00:27:14]**

<b>Legenda</b>	<b>Descrição</b>
(- comentário aqui)	Comentários do transcritor, exemplo (- risos)
[00:00:00]	Marcação do tempo onde inicia uma fala
(inint) [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahã, uhum	Interjeição de afirmação, concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Orador A	Marcos Suzano
Orador B	Luís Armando
Orador C	Não identificado
Orador D	Eliane

**Início da Transcrição [00:00:21]**

Orador A: O Som e o Silêncio é uma série com protagonistas da música brasileira. De um lado, os artesãos que dominam a arte da fabricação dos instrumentos; do outro, os músicos que encantam as plateias. Como se dá essa parceria, essa busca pelo som ideal? Essa é a pergunta que eu, Marcos Suzano, músico e percussionista, pretendo investigar. Hoje é o dia da viola caipira. Ele tá chegando aí. Olha ele aí. Luis Armando? É isso aí, muito prazer, eu sou o Marcos Suzano.

Orador B: Prazer.

Rua Voluntários da Pátria, 45, 6º andar, Botafogo  
 Rio de Janeiro – RJ, CEP 22270-000  
 CNPJ: 23.923.180/0001-89  
 contato@transcritoja.com  
 21 3942-6699

Orador A: Tudo bem?

Orador B: Prazer é todo meu.

Orador A: Luis Armando, você prefere Luis Armando ou Nenê?

Orador B: Olha, sou Luis Armando, sou Nenê, sou Luisinho.

Orador A: Como é que a viola entrou na sua vida, assim?

Orador B: Eu sempre gostei de música, né? Ouvir música...

Orador A: Você...

Orador B: Eu nunca fui músico, não toco, não sou músico.

Orador A: Você não é músico?

Orador B: Não, não sou músico.

Orador A: Ah, não?

Orador B: Não. Mas eu sempre gostei muito da... A gente é do interior, né?

Orador A: Ahã.

Orador B: Então a moda de viola sempre gostou, né? Eu gosto de tipo de vários tipos de música, lógico...

Orador A: Uhum.

Orador B: ...mas a viola surgiu assim do nada.

Orador A: Ah, é?

Orador B: É. Eu tava assim, eu não sou uma pessoa formada, não tenho formação assim, pouco estudo, né? E trabalhava em comércio, pra cá, pra lá, falei assim "eu preciso fazer uma coisa interessante, né?" Como eu gosto de música, eu vi as pessoas falando "as violas parece que não afinam..."

Orador A: Não afinam.

Orador B: Sempre reclamando de viola, o som não é legal, não sei o quê. Aí eu peguei e falei assim "ah, acho que eu vou fazer viola". Saiu do nada.

Orador A: É mesmo, é?

Orador B: É. Aí eu falei assim "não, eu quero fazer viola".

Orador A: Que coisa incrível.

Orador B: E no momento eu era servente de pedreiro.

Orador A: Olha que coisa.

Orador B: Trabalhava com um irmão meu, pedreiro, eu serventeava ele.

Orador C: Eu sou filho de caipira mesmo e o pessoal falava pra mim assim... Minha avó falou... Mostrar pra mim Tonico e Tinoco.

Orador A: Certo.

Orador C: Eu passei escutando isso tudo, só que comecei a chegar naquela fase de pré-adolescente, eu falei "eu quero é rock, né?"

Orador A: (Inint) [00:03:28]

Orador C: Meu irmão gostava de rock, guitarra, falou "eu quero é distorção, né?"

(- risos)

Orador C: E aí eu comecei rock pesado, aí você vai fazendo aquela coisa que o roqueiro faz, é, o cara escutava Metálica, o que o cara do Metálica escuta? Ah, Black Sabbath, Led Zeppelin. O que o cara do Led Zeppelin escuta? Aí nessa, quando eu caio no blues, eu falei "poxa, minha família é caipira, minha avó me falava dessas coisas e eu tenho esse mesmo universo e eu tô desprezando essa parada". Aí comecei a ir atrás. Aí quando eu escutei um ponteadado do Tião Carreiro, essas coisas, falei "ah, pô, essa cara aí... Esse cara aí é roqueiro,

bicho, esse cara tem (Inint) [00:04:00]" Aquele negócio (Inint) [00:04:01] que eu sinto falta na música, que é na minha música, né? E eu falei "nossa, olha a energia que esse cara toca". Então esse tipo de energia sempre me cativou.

Orador B: Quando eu comecei, eu não tinha grana, não tinha nada, não tinha estrutura nenhuma.

Orador A: Ahã.

Orador B: Então a gente usava o que tinha em mãos, né?

Orador A: Em mãos.

Orador B: Então hoje... Hoje eu consigo comprar madeiras legais, mas, assim, eu uso muita madeira de demolição.

Orador A: Isso.

Orador B: Isso aqui é tudo coisa de demolição, é madeira velha que eu ganho, né?

Orador A: Isso.

Orador B: É, jacarandá que é o mais usado, né? Jacarandá, imbuia...

Orador A: Ahã.

Orador B: Cedro, mogno. Eu sempre soube que eu tinha que trabalhar com alguma coisa de capricho. Eu sempre fui caprichoso.

Orador A: Entendi.

Orador B: Então eu sabia, assim, eu tenho que arrumar uma coisa pra mim fazer que exige capricho. Aí surgiu a viola, eu falei "poxa..."

Orador A: Mas foi o quê, você ouviu um som que te pegou? Qual foi a... Qual foi o motivo da mudança assim? Você foi numa roda assim de... Viu o cara tocando, como é que foi (Inint) [00:05:39]

Orador B: Ah, é... A viola parece que encanta, né? Você toca ela assim, dá um... Uma nota solta já é... Já é uma nota, né?

Orador A: É.

Orador B: Então já te encanta, né? E via muito programa de viola caipira, essas coisas, então eu... Até de... É ruim de falar, né, mas eu gosto é da raiz, da moda raiz.

Orador A: Não... É isso aí. É.

Orador B: Né? O caipira verdadeiro, né? Elaine, tão solicitando sua presença. Quer que você canta uma moda.

Orador D: (Inint) [00:06:11]

Orador A: Muito boa as violas aqui.

Orador B: Aceita?

(Inint) [00:06:19]

Orador B: Não sei, uai.

Orador A: Já perguntou repertório, já tá bom.

Orador B: Vamos pegar uma... A gente pega uma modinha de viola, alguma coisa assim.

Orador B e D: (cantando) tem um cavalinho, só farta falar, ele me conhece quando vai riar; falou bem baixinho "vamo em tar lugar", ele fica pegando mosquito no ar. Aonde eu morava ouvia falar que tinha uma moça nas água de lá, mandou-me dizer, mandou-me chamar, que é pra nós conhecer pra depois namorar.

Orador C: O Luis é aquele mineiro, mineiro mesmo assim, né? Aquele mineirinho lá, e ele fica lá naquele canto dele trabalhando o dia inteiro e ele chegou a assistir alguns shows meus. Isso é uma coisa interessante, o cara vê você tocando ao vivo e o cara sabe mais ou menos falar "isso cara vai pirar daquela onda, com aquela... Com aquela coisa". Quando eu cheguei lá, ele me deu uma viola com formato muito interessante e falan... Muito diferente o

instrumento e só podia ser... Falar "não, essa viola é pra você, não sei quê". Já tava canhota pra mim, né? E eu sou canhoto, né? Então pra mim é uma coisa complicada.

Orador A: A luthieria tem uma coisa que mantém uma tradição exatamente no sentido que eu vejo muito, que é dessa relação do construtor com o músico por um bom tempo, que é uma relação de confiança.

Orador B: É.

Orador A: Aí que desenvolve uma amizade que continua, né?

Orador B: No meu caso, tem muitas pessoas, muitos violeiros que fala assim "olha, o legal seu é isso, você ouviu todo mundo". Pode ser quem for, um violeiro, às vezes, um cara matuto aí que chega aqui, ele fala uma coisa, já me serviu.

Orador C: E é legal.

Orador A: Claro.

Orador B: Então você tem que saber ouvir todo mundo. Porque se o cara fala "ó, eu acho que se você fizer isso assim assado ali, vai melhorar tal coisa". Vamos fazer.

Orador A: A música também é (Inint) [00:08:30]

Orador B: Por isso que meus instrumentos tá nesse nível aí, graças a Deus, eu acho que ouvindo mais as pessoas, né? Se ouve, lógico que sempre vai somar alguma coisa.

Orador C: Isso aqui é uma viola, né, que... Que eu pedi. Foi a primeira viola que eu pedi para o Nenê fazer pra mim. Né? Que ela é de cedro, né? É um jacarandá também. Eu gosto do cedro porque ele é bem aveludado. Tenho essas três bocas aqui, que agora é o sucesso do Nenê, que ele faz demais, porque o Tônico e Tinoco usava uma viola que tinha três bocas, né, que era uma viola e um violão. E ele começou a fazer isso aqui, começou a fazer bastante, né? A diferença que eu fiz uma tarraxa desse jeito que, pro violeiro tradicional ele pode achar meio...

Orador A: Roqueiro de mais.

Orador C: É, mas, assim, pra trocar corda é tão mais fácil, bicho, tão mais fácil com a tarraxinha aqui. Né? Sai... Ela não... Não é um instrumento que tem instrumento com muito volume, mas é um instrumento mais delicado assim e perfeito de afinação. Eu gosto... É um instrumento que eu tenho usado muito no palco assim, eu gosto muito dela também em palco e em estúdio também, né?

Orador B: Assim, em relação a afinação eles sofriam muito porque as violas eram tão boas até de som, mas a afinação era complicada.

(Inint) [00:10:54]

Orador B: O próprio Ricardo, né, falando comigo lá, ele falou assim "ah, tô usando bastante, inclusive a..." Ele tem uma dessa três bocas, ele falou "aquela três bocas eu uso, afinação perfeita".

Orador A: Sensacional.

Orador B: Então, quer dizer, isso aí engrandece a gente, né?

Orador A: Claro.

Orador B: Fala, pô, o músico entra pra gravar, a viola sempre... Ela tem que pelo menos afinar, né?

Orador A: Isso.

Orador B: O som, é lógico, o som ajuda, mas a afinação é o mais... O mais importante pra eles, né?

Orador A: Verdade.

Orador B: Aí ele falou "nossa, afinação maravilhosa, tô gravando aí um novo disco aí, eu usei praticamente suas violas".

Orador A: Que maravilha.

Orador B: Eu falo "fico agradecido", né? É bom ouvir isso, né?

Orador A: É muito bom, né? Isso é...

Orador B: É muito bom.

Orador A: Se você... No seu dia a dia, como é que é você... Você chega ali... O que que você pega a viola e faz assim "vou estudar viola, vou estudar isso aqui agora" e aí você estudando, detecta alguma coisa, vou falar com o Luis, no próximo... No próximo instrumento dele, podia ter esse tipo de coisa aqui.

Orador C: É tão mutante essa coisa, né? Às vezes você tem uma... Eu tenho mão pequena, né? Minha mão é minúscula, né? Então eu preciso dum... Que tenha uns instrumentos que tenha um braço menor, porque senão essa escala aqui é uma escala um pouco menor. Por outro lado, por ela ser menor, eu tenho que tocar mais delicado. Então tem umas coisas assim. Cada instrumento que eu pego, eu falo "poxa, essa aqui tem mais graves, esse tem mais agudo, esse aqui funciona mais aqui pra sol agudo, esse aqui pra tocar mais dedilhados, né? Esse não sobra tanta frequência, aquela só no médio grave. E tem essa coisa do luthier que... Eu sou amigo de vários, né?

Orador A: É.

Orador C: Você se torna amigo da pessoa, né? Eu passo acho que metade da minha vida... Eu costumo falar pros caras que luthier devia ter plano de saúde que tem... Pra instrumento porque eu passo boa parte da minha vida vendo "ah, o capitador não sei o quê, o braço não sei o quê, ah, a diferença das cordas". Então a gente tem...

Orador A: Sei.

Orador C: Né? E é uma coisa assim de você ter um instrumento, ele nunca chega pronto na sua mão, né? Você tem que pegar ele, aí você tem que ter... Você tem que ter um luthier que você vai ter essa relação com o cara, falar "poxa, pegar..." Porque às vezes você pega um negócio, você acha que não é aquele seu... Não é o instrumento, mas ele precisa ter aquela, tipo, namorada nova, né? Você fala, não sabe onde você põe a mão direito, você fica assim naquele negócio, até você conseguir deixar adaptado do jeito que você toca, né? Então cada instrumento tem uma personalidade, né?



Orador A: Som lindo dessa viola. Não é? Que som lindo.

Orador B: É muito legal o som, é.

Orador A: É.

Orador B: É um som aveludado, né? Você pega outra, a viola que é o... A boca normal, você quer... Você quer ver essa diferença?

Orador A: Quero.

Orador B: Vou pegar uma viola então que tenha a boca normal.

Orador A: Isso, isso.

Orador B: Você vai sentir a... A diferença do som. A projeção dele.

Orador A: Isso.

Orador B: Eu vou pegar aqui na outra salinha.

Orador A: Tá bom. Olha ela aí.

Orador B: Ó. Primeira coisa que eu quero é sente o cheiro dentro dessa viola.

Orador A: Olha, que perfume, hein? É o que isso aí?

Orador B: É uma madeira que chama sassafrás.

Orador A: Sassafrás.

Orador B: É família das canelas.

Orador A: Ah, olha.

Orador B: Da imbuia, canela. O pessoal faz tonel pra curtir cachaça.

Orador A: Ah, tá. Ah, entendi.

Orador B: Então é uma... Eu uso bastante essa madeira porque, experiência, eu falei pra você, eu pego qualquer madeira, eu faço experiência. Né?

Orador A: Ficou bonita também com o braço branquinho.

Orador B: É, o braço é (Inint) [00:16:07]

Orador A: (Inint) [00:16:08]. É.

Orador B: Né? Aí a gente tava falando, era com tampo de cedro canadense também, tava falando questão de som...

Orador A: Olha.

Orador B: Esse é o som mais aberto.

Orador A: Muito mais.

Orador B: Né? Aí você pega outra, pra você ver. Agora vou fazer...

Orador A: Eita.

Orador B: Vou fazer a mesma coisa com a outra viola pra você sentir o som. Segura aí pra mim, por favor. Pra você ver, a diferença do som, ó.

Orador A: É.

Orador B: Você vê que essa aí projeta, essa aqui fica aqui ó.

Orador A: E ela é mais gordinha, mais gordinha.

Orador B: Você vê que essa ficou contida aqui no peito.

Orador A: É, e o harmônico dessa brilhou...

Orador B: Essa aí vai, projeta.

Orador A: É.

Orador B: É muito diferente, né?

Orador A: É, pô. Eita.

Orador C: A viola, assim, a viagem aqui é o seguinte, você tinha, né, as fábricas. Né? Antigas que faziam desde mil novecentos, já tinha fábrica fazendo viola aqui no Brasil, porque a viola é antecessora do violão, né? Na real. Só que ela ficou um bom tempo que ela ficou naquele mercado (Inint) [00:17:23] e os artesões, assim, principais ficaram meio sumidos, né? Então esse pessoal que usava grandes madeiras, grande técnica pra fazer um instrumento ficou um tempo bem... Bem parado, e hoje em dia tem, assim, centenas e muitos e um melhor que o outro, que usa madeiras sofisticadas, com tarraxas mais legais, capitação mais legal. Né? E quando eu comecei também não tinha, assim, corda.

Orador A: É.

Orador C: Assim, por isso que falava assim "ah, viola não..."

Orador A: Não afina.

Orador C: Não afina. Hoje, não. Hoje tem várias marcas que você tem a corda balanceada com uma medida. Então tem várias coisas assim que, nesses vinte anos...

Orador A: Houve uma evolução grande.

Orador C: Houve uma evolução muito grande. E metodologia também. Não tinha livro direito. Hoje tem livro. Pra você ter uma ideia, tem aula de viola hoje na USP.

Orador A: Incrível.

Orador C: Você se forma violeiro na USP. Então são coisas assim muito interessantes assim. É um universo muito doido, né?

Orador C: Aí você tem algumas gerações, né, predominantes na viola. Primeiro você tinha essas grandes duplas, que foi onde apareceu a viola no disco. Depois saiu dessas grandes duplas, aí começou a aparecer... Teve caras assim já no começo dos anos oitenta como o Almir Sater, que era um cara, né, boa pinta, bacana, que tocava muito e apareceu numa

novela da... Em algumas novelas que foram muito sucesso.

Orador A: Muito sucesso.

Orador C: Antes do... Ainda do Almir, você tem o Renato Andrade.

Orador A: Isso.

Orador C: Que era um cara que tocou na orquestra do Radamés Gnattali, que era caras assim que já começaram a colocar a viola como o cara tocando de terno e gravata, tocado como um instrumento de concerto. Né?

Orador A: Interessante.

Orador C: Isso é muito doido.

Orador A: Muito doido.

Orador C: É muito doido. E depois apareceu essa galera meio que já influenciada pelo jazz, pela... Que veio, o Ivan Vilela, Paulo Freire, Roberto Correa. Minha geração é que vem inspirada muito nesses caras porque hoje eu faço música de fusão, né? Eu misturo as coisas que eu toco, mas quando eu comecei a tocar viola eu não quis saber, eu falei "não, quero saber o que que é um cateretê, o que que é um cururu, o que que é um recortado.

Orador A: São ritmos?

Orador C: São ritmos.

Orador A: Cateretê, curu... Como é que é? Cururu?

Orador C: Cururu, cateretê, recortado.

Orador A: Recortado.

Orador C: Vem cá, fa... E esses ritmos, eu fiquei curioso, vamos lá.

Orador C: Ó, o mais facinho de todos é o cururu. Quando você vai fazer é aquele negócio... Ou assim. É bem simples, né?

Orador A: Simples.

Orador C: Né? Então, assim, tem isso aqui. O...

Orador A: Cateretê.

Orador C: O cateretê, cara, tem... Que é meio que um batuque também, né? Se você mudar, vira boi, né? Os caras assim, né?

Orador A: É, pois é. E aí o outro que você falou que é...

Orador C: O recortado.

Orador A: Recortado.

Orador C: Isso aqui é a coisa mais... Porque, assim, é muito doido, né? O coisa... O recortado é o antecessor do pagode, né, que era mais quartenar, né? Quantas bailes que era só com isso aqui.

Orador A: O cara ficava a noite inteira nesse mantra aí.

Orador C: Só nessa onda.

Orador A: Cachacinha, torresmo.

Orador C: Você pode tocar pra caramba, na hora que você chegar prum coroa e fizer... Ele fala "agora sim é viola"

Orador A: Ah, que barato.

Orador C: O resto tudo não é.

Orador B: É um trabalho assim meio... Meio grosseiro, na verdade, né? Eu tiro ali as madeiras ali onde precisa e basicamente eu construo essa viola aqui em cima.

Orador A: Nessa tábua... Nessa mesa.

Orador B: Nesse quadrado aqui.

Orador A: Nesse quadrado.

Orador B: Basicamente. Aqui eu monto tudo. Aqui o interessante, por exemplo, ó, eu uso um sistema de curva madeira...

Orador A: Pra curvar.

Orador B: ...bem antigo. O que que eu faço? Eu coloco uma latinha aqui ó com...

Orador A: Esquenta.

Orador B: Com álcool.

Orador A: Com quero... Com álcool.

Orador B: Então, álcool.

Orador A: Aí deixa a madeira de molho.

Orador B: Esquento aqui. Não, não deixa a madeira de molho não.

Orador A: Não deixa de molho, não é?

Orador B: Não. Processo bem antigo, né, mas ecologicamente eu acho correto. Jacarandá parece que é duro, mas ele dobra que nem uma... Papel, ó. Tem que tomar cuidado com o fogo aqui no bigode. Olha pro cê ver, ele dobra, mas dobra mesmo, fácil. Dobra facinho ó. Ó, já seca. Cada dia eu percebo que eu faço um instrumento, aí eu faço outro, sempre diferencia.

Orador A: É isso...

Orador B: Mais é o carinho, é o amor, né, na profissão, essas coisas, a gente, luthier, tem isso. Por exemplo, eu trabalho sozinho, não tenho um ajudante, não tenho nada.

Orador A: É.

Orador B: A gente gosta de...

Orador A: É uma...

Orador B: Quietinho, sentado.

Orador A: É uma concentração.

Orador B: Concentração. É, o instrumento exige total concentração e capricho, né, lógico.

Orador A: É.

Orador B: E amor na profissão, né, primeiro, né?

Orador A: É isso aí.

Orador B: Eu adoro o que eu faço.

Orador A: Que maravilha, né? E você... Você... Você é um cara feliz fazendo instrumento...

Orador B: Muito.

Orador A: ...e fica feliz quando o outro toca teu instrumento, né?

Orador B: Mais ainda.

Orador C: O instrumento tem a sua personalidade, né? Eu, sinceramente, eu acho que eu nunca peguei um instrumento... Talvez o... A minha primeira viola de luthier que eu tive, por não conhecer outras, eu já peguei ela e já saí fiquei maravilhado com ela porque eu tinha viola muitos... Muito simples, né? Mas, geralmente, as últimas violas que eu tenho, eu pego ela, rola uma certa estranheza, assim, né? Eu tenho que ficar tocando com ela, aí eu vou descobrindo aonde... Aonde que tem o potencial daquele instrumento, né? A diferença entre paixão e amor, né? Deve ser, que você chega assim, você pode ter uma paixão imediata com aquele instrumento e depois você tem o amor que você vai adquirindo e fala "porra", depois é que você grava um disco com aquele instrumento, você grava outra coisa, você fala "porra, mas que instrumento legal pra caramba mesmo". Então, assim, eu acho que hoje em dia eu tô mais nessa de...

Orador A: Do amor.

Orador C: Do amor.

.....

**Fim da Transcrição [00:25:15]**

Rua Voluntários da Pátria, 45, 6º andar, Botafogo  
Rio de Janeiro – RJ, CEP 22270-000  
CNPJ: 23.923.180/0001-89  
contato@transcritoja.com  
21 3942-6699